



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5839 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 22 - Educação Especial

A APRENDIZAGEM DA ESCRITA DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL POR SURDOS

Andréia Mendiola Marcon - UPF - Universidade de Passo Fundo

Agência e/ou Instituição Financiadora: IFRS Campus Sertão

A APRENDIZAGEM DA ESCRITA DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL POR SURDOS

O debate acerca do ensino da língua portuguesa para surdos a partir de uma perspectiva de ensino de língua estrangeira tem sido recorrente no âmbito educacional. Isso se justifica pelo fato de o surdo caracterizar-se como sujeito de uma cultura e de uma língua diferente. Nesse cenário, é importante conceber como condição primeira a prerrogativa de que a aquisição da Libras precisa ser garantida ao surdo, o que se mostra condição para que ele possa imergir nas práticas discursivas e constitutivas da interação verbal dessa língua, as quais carregam sentidos e percepções de mundo que se diferem da cultura dos ouvintes.

O modo pelo qual o sujeito elabora o pensamento não tem cunho genético, como assevera Vygotsky (1998), eis que são construídas no contexto social em que esse sujeito vive. Para o autor, a linguagem é um fator determinante no que refere à forma como o sujeito organiza o pensamento, e isso pode ser explicado com base na percepção de que a rede de significações pela qual ele se apropria de conhecimentos é transmitida pela linguagem em um processo construtivo.

Essa realidade torna mais latente a importância de o surdo compreender o uso e a função da Língua Portuguesa (LP) como a outra língua presente em suas práticas cotidianas. Isso ganha ainda mais respaldo quando se considerar que essa língua está disponível para ele nos diversos espaços sociais, tais como na família, na escola, na rua, no supermercado, dentre outros. Nesse sentido, pressupõe-se que o ensino da LP não seja exclusivamente guiado pelas regras gramaticais ou por palavras sem sentido e sem conexão com o mundo, mas com uma construção que materializa outra possibilidade de significar os acontecimentos por meio das suas interações com o meio.

Bakhtin (1999) ressalta que a língua não pode ser vista como um produto acabado, transmitido de geração para geração, pressupondo assim a ideia de uma língua estrangeira, fria ou distante da realidade comunicacional do sujeito imerso em determinada cultura. O processo evolutivo de uma determinada língua se ampara em um fluxo contínuo, o que implica dizer que a língua não pode estar separada do contexto e da interação social.

Nessa perspectiva teórica, ao se pensar em processos educacionais para os surdos, torna-se essencial reconhecer a Libras como a língua de instrução nas práticas de interação verbal do surdo, considerando que é por meio desse instrumento linguístico (visual/gestual) que ele materializa o seu pensamento, constrói conhecimentos e constitui uma rede de sentidos em sua mente, a qual posteriormente dialogará com a linguagem escrita da Língua Portuguesa.

A escola pode, portanto, (re) construir com o surdo uma visão de aprendizagem do Português, não no sentido de língua estrangeira – a qual remeta-o à ideia de algo muito distante e difícil de aprender –, mas a partir do conceito de aprendizagem de uma língua. Tal aquisição há de ter caráter de evolução, de modo que o surdo seja colocado, não em um lugar de inferioridade, mas em um espaço de protagonismo frente à outra cultura que, do mesmo modo, faz parte do seu cotidiano e não pode ser tratada como uma língua vazia ou sem sentido.

Frente a essa exposição, reflete-se sobre um outro horizonte de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa para o surdo, contexto que se constitui não pelo viés do ensino de segunda língua, mas sim pelo viés do ensino de língua adicional. Schalatter e Garcez (2012) explicam que as línguas adicionais contemplam o repertório linguístico de uma dada língua e destacam que o sujeito já possui esse repertório, cujos limites não se estabelecem somente na aprendizagem da convenção de regras gramaticais. Isso significa pensar no surdo em um meio social em que a diversidade linguística é múltipla e no qual possivelmente já estejam interagindo com as palavras que são oriundos da outra cultura.

Para Luffa (2014), na medida em que a língua adicional parte da língua materna ou da primeira língua do sujeito, pressupõe-se uma tendência metodológica de valorizar seu contexto, suas vivências, valores da sua cultura e a sua concepção da aprendizagem de língua. Isso não significa dizer que o aluno surdo deva aprender a outra língua usando os mesmos caminhos de aprendizagem da primeira língua, porém, ele pode pensar na simulação de situações de suas vivências em contextos em que a língua a ser adquirida esteja presente.

Mediante tais pressupostos, a presente pesquisa, em fase inicial de estudo, tem como objetivo geral “Investigar quais caminhos o surdo percorre para a aprendizagem e a compressão da escrita do Português como língua adicional a partir de um ambiente bilíngue, interacional e de vivências”. Busca-se responder à seguinte pergunta central: “Como ocorre a elaboração conceitual do sujeito surdo no processo de aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa como língua adicional, tendo em vista a adição na primeira língua, a Libras?”

Do ponto de vista da natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, visto que objetiva gerar reflexões acerca do processo de aprendizagem da escrita do Português pelo surdo a partir da aplicação prática dirigida à solução de problemas.

Quanto ao procedimento técnico, trata-se de um estudo de caso. Yin (2005) ressalta que o estudo de caso se caracteriza pela intenção de compreender fenômenos sociais complexos e retém características significativas e holísticas de eventos da vida real, considerando indivíduos, grupos ou situações particulares. Desse modo, o estudo de caso dessa pesquisa trata de uma situação muito particular: é composto de 10 sujeitos surdos que participarão das oficinas baseadas em uma abordagem bilíngue Libras/Português nas quais os elementos de interação e de vivências estarão presentes. O pré-requisito para participar das oficinas de Português escrito é que o indivíduo seja surdo e fluente em Libras. A escolha desse nível de formação justifica-se pelo fato de a Libras ser a primeira língua do surdo, portanto, o primeiro sistema linguístico organizado em seu pensamento.

A pesquisa ocorrerá na Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS) de Passo

Fundo/RS. O contexto de produção dos dados será organizado a partir de oficinas semanais ministradas pela pesquisadora, no turno vespertino, com duração de três horas (das 14h às 17h). No ponto de partida, será aplicado um questionário de sondagem que tem como objetivo traçar um perfil dos participantes, de modo a conhecer alguns aspectos da sua história.

Ao longo dos encontros, a pesquisadora realizará registros em videogravação, além de anotações em diário de campo sobre aspectos relevantes para a pesquisa, tais como os dispositivos de elaboração conceitual mobilizados pelo surdo no momento da leitura e das produções escritas na Língua Portuguesa.

As oficinas, com duração de um semestre (60h/aula), ocorrerão de março a julho de 2021, sendo organizadas em sequências didáticas que versam sobre temas específicos e são constituídas por tarefas didáticas desenvolvidas de modo a instigar os participantes surdos a observarem as suas práticas cotidianas e a descreverem as situações sociais com as quais se deparam na escrita do Português. Serão considerados os elementos estruturantes da narração como os personagens, os sentimentos, o tempo, o enredo, a estrutura da frase, a pontuação, os parágrafos e o vocabulário utilizado. A partir do relato dos participantes, identificam-se e selecionam-se as situações mais urgentes e necessárias que possam aparecer nas suas narrativas para, em seguida, transformá-las em temas a serem trabalhados nos encontros.

Considerando que a pesquisa está em fase inicial, tem-se como posicionamento preliminar os pressupostos do Decreto Federal nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e dispõe que a Libras é a língua natural dos surdos. Infere-se disso, portanto, que a educação para esses sujeitos precisa ocorrer por meio da concepção bilíngue Libras/Português.

Nesse viés, recorta-se para este estudo investigar os caminhos percorridos pelo surdo para aprender a escrita do português. Ribeiro (2008) explica que há uma fragilidade em torno do “saber” sobre o modo como o surdo, falante da Libras, compreende o uso e a função da escrita do português em suas práticas cotidianas.

Dessa forma, pressupõe-se que a educação escolar bilíngue se assenta em concepções de educação que orientam a escola a oferecer ao aluno surdo oportunidades de participar de situações sociais que envolvem a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Nesse sentido, ao se propor que a escola garanta no seu currículo um processo de ensino e aprendizagem dessa língua pelo viés de Língua Adicional – a Libras –, se está reorientando a política educacional para um novo rumo.

Todavia, esse rumo requer utilização de fundamentação teórica e de materiais didático-pedagógicos que auxiliem o processo educativo do aluno surdo, enfim, novas lentes que, conforme Skliar (2009), se desenrolam por dois caminhos. Primeiramente, o autor destaca o papel da Libras como a língua mediadora desse processo, pois, como já dito, é por meio dela que o surdo poderá acessar, significar, interagir com o outro e fazer a correspondência do objeto com o seu contexto. Em segundo lugar, sugere-se que a aprendizagem da escrita do Português tenha como base os conhecimentos linguísticos que o surdo tem da sua primeira língua, os quais devem se configurar como ponto de partida para construir novos conhecimentos.

A realização da pesquisa em pauta se assenta no reconhecimento de que pensar a aprendizagem do Português escrito pelo surdo em um viés de interação social com o meio em que ele vive requer reconhecer a sua cultura, a sua língua e o seu modo de significar o mundo no interior desse processo. Assim, espera-se que os resultados desta pesquisa sejam reflexivos e propositivos mediante a necessidade existente no campo da educação de surdos, especialmente no que se refere à aprendizagem do Português escrito. Com esse propósito,

realiza-se o aprofundamento teórico de possíveis categorias para a análise dos dados que serão produzidos e recolhidos a partir do campo previsto.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Surdos. Língua adicional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Decreto 5.626**. Brasília, 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: maio, 2018.

GARCEZ, L. H. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

LEFFA, Vilson J.; IRALA, Valesca Brasil. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: _____. (Orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. Pelotas: Educat, 2014.

PERLIN, G. T.T. Identidades surdas. In SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Meditação, 1998.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em Inglês**. Erechim: Edelbra, 2012.

SCHNEIDER, R. **Educação de surdos: inclusão no ensino regular**. Passo Fundo: Editora UPF, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Interfaces entre Pedagogia e Linguística. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2005.